

Água ^{saiu}contaminada em Évora também mata doentes renais

Tragédia semelhante à de Caruaru vitimou 26 em Portugal

Mônica Torres Maia

Correspondente

• ÉVORA. Vestida de preto dos pés à cabeça, Catarina Caxias Cargã, 70 anos, caminha pelos campos de Évora, em Portugal, com lágrimas no rosto. Seu marido, Manuel Antônio Cargã, usou durante seis anos a máquina de hemodiálise do Hospital Municipal até morrer com convulsões e alucinações. Como em Caruaru, no Brasil, as águas que serviam o Centro de Hemodiálise do Hospital Municipal eram mortais. E dona Catarina se transformou no símbolo da tragédia de Évora.

Há três anos, ela e o marido viam da aposentadoria dele de US\$ 180 mensais. Nada resta agora, a não ser uns trocados que as filhas, suas vizinhas, pingam ocasionalmente para não deixar a mãe morrer à míngua. Além de Manuel, as águas de Évora mataram 26 pessoas, intoxicadas por excesso de alumínio. As dezenas que sobreviveram têm hoje graves lesões cerebrais, como Marcos Salvador Mourão, que está paraplégico, ou Leonardo Vilela.

Leonardo mal consegue falar. É Julia Maria Cargã, filha mais nova de Catarina, quem conta que o

pai e Leonardo iam juntos dia sim, dia não, ao Hospital Municipal e voltavam comentando:

— Viu que a mesma agulha que espetaram em vosmecê espetaram em mim sem desinfetar? — indagava Leonardo a Manuel.

— Os enfermeiros lavavam de qualquer jeito as agulhas na água da torneira, a mesma que ia para a máquina — lembra Julia.

— Foi assim. Primeiro morreu o João Peixinho, depois o Manuel e um atrás do outro, como se tivessem diante de uma carreira de fuzis — emenda Catarina.

Cidade ficou marcada pela tragédia, como Caruaru

Patrimônio da humanidade, 55 mil habitantes, a cem quilômetros de Lisboa, Évora ficou marcada como Caruaru, mas guarda distância. Diferentemente do Brasil, a tragédia portuguesa tem face: a equipe médica do Centro de Hemodiálise deverá sentar este ano no banco dos réus para ser julgada por crime. É acusada de engavetar por dois anos um relatório técnico que recomendava a revisão da máquina de hemodiálise. O Tribunal de Justiça de Portugal também decidirá em breve uma indenização para as famílias

das vítimas.

— O dinheiro não vai me trazer ele de volta. Mas queria que eles pagassem para reparar melhor os outros do que repararam os nossos — diz, esbugalhando os olhos e soltando mais lágrimas ao saber da tragédia de Caruaru.

Ela só sabe que o Brasil é muito, muito longe. Nem tem TV para assistir novelas brasileiras. Vive de modo simples entre dois cômodos e uma única boca de fogão. Foi ali, ao pé do “lume” (como dizem os portugueses) que ouviu pela última vez, em 26 de março de 93, a voz de Manuel, tentando chamá-la, mas sem conseguir falar.

Catarina só teve tempo de correr para perto da cama e assistir ao marido tremer de alto a baixo, olhos revirados, já sem reconhecê-la. Poucos minutos atrás, tinham conversado normalmente. Manuel ainda foi levado de ambulância, mas não voltou mais do hospital.

— Dias antes de morrer, outro médico o examinou e disse-lhe que tinha que fazer hemodiálise. Seu sangue estava todo sujo. Era como se o tratamento não existisse — recorda Maria Balbina, 45 anos, outra filha de Catarina. ■